

# Construções nominais de referência genérica: uma abordagem experimental em Gramática Cognitiva

Lilian Ferrari<sup>a</sup>

Diogo Pinheiro<sup>b</sup>

Brendha Portela<sup>c</sup>

Clara Sousa<sup>d</sup>

Gabriela Ribeiro<sup>e</sup>

Paula Sasse<sup>f</sup>

Sara Martins Adelino<sup>g</sup>

## Resumo

*Sob a ótica da Gramática Cognitiva (LANGACKER, 1987; 1991), este trabalho investiga o polo semântico de duas construções nominais de referência genérica do português brasileiro: [Artigo + Nome Singular] (“O gato é voluntarioso”) e [∅ + Nome Singular] (“Gato é voluntarioso”). Propõe-se que, apesar da identidade extensional, as duas construções não são semanticamente equivalentes. Especificamente, sustenta-se que o padrão com artigo, mas não o padrão sem artigo, facultaria a conceptualização de um conjunto de tipos não perfilados no interior de um Espaço de Tipo. Para verificar essa hipótese, desenvolveu-se um experimento de julgamento de aceitabilidade no qual os participantes avaliaram a naturalidade de sentenças contendo SNs singulares genéricos em contextos contrastivos nas condições com e sem artigo definido. Os resultados mostraram diferença significativa de aceitabilidade entre as duas condições ( $p = 0,0014$ ), o que fornece evidências em favor da hipótese de que os padrões construcionais investigados, de fato, evocam representações mentais distintas.*

**Palavras-chave:** SNs genéricos. Gramática Cognitiva. Português brasileiro.

Recebido em: 01/03/2020

Aceito em: 01/05/2020

<sup>a</sup>Programa de Pós-Graduação em Linguística. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Contato: [lilianferrari@uol.com.br](mailto:lilianferrari@uol.com.br).

<sup>b</sup>Programa de Pós-Graduação em Linguística. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Contato: [diogopinheiro@letras.ufrj.br](mailto:diogopinheiro@letras.ufrj.br).

<sup>c</sup>Faculdade de Letras. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Contato: [brendhaportela@gmail.com](mailto:brendhaportela@gmail.com).

<sup>d</sup>Faculdade de Letras. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Contato: [css.clarasousa@gmail.com](mailto:css.clarasousa@gmail.com).

<sup>e</sup>Programa de Pós-Graduação em Linguística. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Contato: [gabrielaribeiroufrj@gmail.com](mailto:gabrielaribeiroufrj@gmail.com).

<sup>f</sup>Faculdade de Letras. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Contato: [paulasassedarochoa@gmail.com](mailto:paulasassedarochoa@gmail.com).

<sup>g</sup>Programa de Pós-Graduação em Linguística. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Contato: [smaadelino@gmail.com](mailto:smaadelino@gmail.com).

## Introdução

O Português Brasileiro (PB) conta com pelo menos duas estruturas sintáticas que, a despeito de exibirem um nome sem marca de plural, podem realizar referência genérica: o padrão [Artigo + Nome Singular] (por exemplo, “O gato é voluntarioso”) e o padrão [ $\emptyset$  + Nome Singular] (por exemplo, “Gato é voluntarioso”)<sup>1</sup>. Dado que, como é sabido, a tradição funcional-cognitiva em linguística tem tido sucesso em demonstrar a tese de que diferenças formais tendem a estar correlacionadas a diferenças semânticas (GOLDBERG, 1995; CROFT, 2001; LANGACKER, 2008), a equivalência denotacional entre instâncias dessas duas estruturas se apresenta como um desafio. Em termos simples, o desafio pode ser formulado assim: se os sujeitos sintáticos de sentenças como “Gato é voluntarioso” e “O gato é voluntarioso” denotam precisamente o mesmo conjunto de referentes, qual seria a diferença semântica entre as construções gramaticais [Artigo + Nome Singular]<sub>ref. genérica</sub> e [ $\emptyset$  + Nome Singular]<sub>ref. genérica</sub>?

Em trabalho anterior, Pinheiro et al. (2017) buscou responder a essa pergunta recorrendo ao arcabouço da Gramática Cognitiva langackeriana (LANGACKER, 1987; 1991; entre outros), um dos modelos de base construcionista disponíveis no mercado teórico da linguística contemporânea. Naquele estudo, foi apresentada a hipótese de que o padrão com artigo evocaria a conceptualização implícita de outros tipos pertencentes à mesma categoria semântica – em outras palavras, uma sentença como “O gato é voluntarioso” induziria o ouvinte/leitor a evocar mentalmente, ainda que de maneira implícita, outras espécies animais (como cachorro, tartaruga etc.). Ao mesmo tempo, sugeriu-se que o padrão sem artigo não evocaria o mesmo tipo de conceptualização – o que significa dizer que uma sentença como “Gato é voluntarioso” não levaria o ouvinte/leitor a pensar em outros animais.

Para testar essa hipótese, o trabalho de Pinheiro et al. (2017) recorreu a um experimento de julgamento de aceitabilidade no qual participantes foram solicitados a avaliar, em uma escala de um a cinco, a naturalidade de sentenças com SN singular genérico com artigo divididas em duas condições: sem contraste (“A criança gosta de doces e guloseimas”) e com contraste (“A criança gosta de doces e guloseimas. Já o

<sup>1</sup>O emprego do símbolo “zero” ( $\emptyset$ ) na formulação do padrão sem artigo não implica a suposição – de resto, inteiramente alienígena à Gramática de Construções, modelo teórico-descritivo assumido aqui – de que algum tipo de representação sintática subjacente incluiria um determinante sem realização fonológica.

adulto tende a ter um paladar mais apurado”). Os resultados mostraram que sentenças com contraste eram avaliadas como mais naturais que aquelas sem contraste ( $p = .043$ ), o que foi interpretado como evidência de que o SN genérico com artigo, de fato, facilita a “visualização” de entidades pertencentes à mesma classe semântica do referente do SN, ao passo que o SN sem artigo não dispararia o mesmo tipo de conceptualização.

Este artigo representa uma continuação da pesquisa apresentada em Pinheiro et al. (2017). Em relação ao trabalho anterior, busca-se neste momento avançar em duas frentes: de um lado, a descrição do polo semântico das construções em pauta é refinada; de outro, realiza-se um novo estudo experimental, a fim de colocar (mais uma vez) à prova a hipótese acerca das diferenças semânticas entre as duas construções. Para além do imperativo mais geral de replicabilidade científica, existem duas razões específicas que justificam o desenvolvimento desse novo teste experimental.

Em primeiro lugar, o experimento anterior incluía apenas sentenças com artigo – o objetivo, como dissemos, era verificar se estímulos desse tipo seriam mais bem avaliados em contextos de contraste do que em contextos não contrastivos. Embora essa estratégia tenha sido bem-sucedida em sugerir que o contraste incrementa significativamente a aceitabilidade de SNs singulares genéricos com artigo, as conclusões que se podem extrair a respeito de SNs sem artigo são, na melhor das hipóteses, indiretas: é possível imaginar que o contraste esteja vinculado à presença do artigo, mas a ausência de estímulos sem artigo reduz a confiabilidade dessa conclusão. Em segundo lugar, a presença de estímulos com e sem contraste implicava a existência de sentenças com carga informacional distinta – especificamente, as primeiras veiculam mais informação do que as segundas. E, mais uma vez, o fato é que o experimento anterior não permitia descartar, com segurança, a interpretação segundo a qual a diferença de aceitabilidade identificada teria sido causada por essa diferença informacional.

O experimento apresentado neste artigo contorna, em um só movimento, essas duas dificuldades. Como se verá adiante, a lista de estímulos foi modificada de maneira a (i) incluir, para além das sentenças com artigo, também sentenças sem artigo (o que elimina o primeiro problema) e (ii) contemplar

exclusivamente estímulos com contraste (o que elimina o segundo problema). Dessa maneira, pretendemos colocar à prova, mais uma vez, uma proposta de análise específica do polo semântico das construções em pauta, com o objetivo de verificar se, de fato, como prevê a tradição da linguística funcional-cognitiva, formas gramaticais diferentes implicam significados diferentes.

Para além das contribuições ao conhecimento da gramática do PB, um estudo como este apresenta relevância teórica para o campo da Gramática de Construções (GC). Como se sabe, a Gramática Cognitiva langackeriana (de agora em diante, GCog) é um modelo *sui generis* na família de abordagens construcionistas. Sua especificidade advém, sobretudo, da opção por uma semântica radicalmente conceptualista, que levou ao desenvolvimento (ou, em alguns casos, à importação da psicologia cognitiva) de um vasto arsenal analítico que busca representar entidades e processos alegadamente presentes na cognição geral (trajetor, marco, base, perfil/perfilamento etc.). Essa abordagem, porém, parece ser uma faca de dois gumes: ao mesmo tempo em que permite operacionalizar a descrição de propriedades semânticas sutis, tem sido criticada ocasionalmente pela alegada falta de sustentação empírica para os construtos e análises propostos (HOLLMANN, 2013).

O ponto central dessas críticas é o de que a legitimidade dos construtos teóricos da GCog está inapelavelmente ligada à possibilidade de atestar sua realidade psicológica – o que, por seu turno, pressupõe a adoção de metodologia experimental. Nesse sentido, estudos como o que apresentamos aqui, se bem-sucedidos, podem, em tese, favorecer a consolidação do arsenal teórico-descritivo do modelo langackeriano como uma alternativa para descrição do polo semântico das construções gramaticais.

O presente artigo está organizado como segue. Na próxima seção, evidenciamos alguns dos conceitos centrais da GCog. Na sequência, apresentamos a nossa proposta de descrição cognitivista para os SNs singulares genéricos do PB. A seção seguinte reporta o experimento realizado. A título de desfecho, as considerações finais sintetizam as principais descobertas e apontam para encaminhamentos futuros.

## O quadro teórico

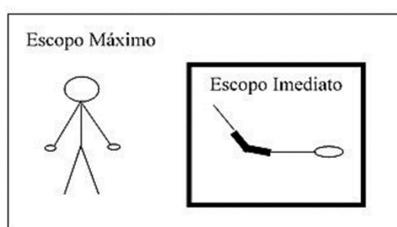
Nesta seção, apresentaremos alguns dos pressupostos básicos da GCog, com foco sobre a análise de nomes e sintagmas nominais (em particular, os SNs genéricos). Além disso, será explorado o processo de *grounding* em SNs definidos e indefinidos.

Como qualquer variante da GC, a GCog assume que o conhecimento linguístico tem a forma de um inventário estruturado de unidades simbólicas. Sua especificidade (ou, ao menos, uma delas) reside no tratamento da estrutura conceptual: a GCog busca caracterizar com precisão as estruturas mentais de significado evocadas pelas unidades linguísticas. Para isso, o ponto de partida é a ideia de que o significado inclui duas facetas: o conteúdo conceptual em si mesmo e o construal, isto é, o modo como esse conteúdo é construído por uma dada unidade simbólica.

Para Langacker (2008), o construal envolve quatro dimensões: focalização, especificidade, proeminência e perspectiva. Aqui, trataremos apenas daquela que é diretamente relevante para focalização, que diz respeito à seleção de conteúdo conceptual para apresentação linguística bem como à sua organização em termos de primeiro plano (*foreground*) e plano de fundo (*background*). A ideia central é a de que toda expressão evoca conhecimentos prévios relativamente aos quais a interpretação de uma dada unidade linguística é realizada (*background knowledge*). Por exemplo, para compreender a sentença “Deixei meu carro no estacionamento rotativo”, que coloca em primeiro plano uma ação realizada pelo falante em relação ao seu carro, é preciso acessar o conhecimento prévio sobre esse tipo de estacionamento; caso contrário, o ouvinte poderia pensar que o carro foi abandonado, que ficou rodando dentro do estacionamento etc. Além dessa organização em *foreground* e *background*, a focalização inclui a extensão que uma expressão recobre no domínio conceptual evocado, de forma que cada expressão tem um escopo que consiste na sua cobertura daquele domínio. Assim, o termo “dedo” evoca uma certa parte do corpo (mas não o corpo inteiro), o verbo “cair” evoca um período de tempo suficiente para que o evento ocorra (e não a eternidade) e assim por diante.

Nesse sentido, é preciso distinguir entre escopo máximo de uma expressão e seu escopo imediato, ou *onstage region*. Para ilustrar tais ideias, Langacker (2013, p. 63) analisa a palavra *elbow* (cotovelo), que tem o corpo humano como um de seus domínios mais centrais. O autor observa que o corpo é composto de partes hierarquicamente organizadas, de modo que o referente de *elbow* é concebido, primeiramente, como parte do braço (escopo imediato) e, em um segundo nível, como parte do corpo (escopo máximo). Assim:

**Figura 1.** Escopo máximo e imediato para “cotovelo”



Fonte: Pinheiro et al., 2017.

Como mostra a Fig. 1, a expressão *elbow* seleciona, em uma dada subestrutura, um conteúdo conceitual específico para colocar em proeminência. Esse conteúdo é chamado de perfil (*profile*); por isso, diz-se que, na Fig. 1, o cotovelo está perfilado (*profiled*).

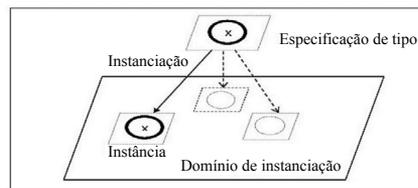
Para tratar das estruturas nominais, a GCog distingue nomes simples de sintagmas nominais (SNs) com base em sua função conceitual: enquanto os primeiros exercem função de tipo, os segundos funcionam como instâncias. Intuitivamente, a diferença entre “tipo” e “instância” é simples: aquele diz respeito a uma classe, ao passo que esta se refere a uma entidade única. No entanto, para dar conta dessa distinção no quadro teórico da GCog, é preciso convocar o conceito de domínio de instanciação, entendido como “o domínio no qual uma entidade é concebida como residindo ou tendo sua manifestação primária”<sup>2</sup> (LANGACKER, 1991, p. 56, tradução nossa). Por exemplo: tempo é o domínio de instanciação para eventos, e espaço, o domínio para substâncias materiais.

As concepções de tipo e de instância compartilham a característica de perfilar uma entidade no domínio de

<sup>2</sup> “[...] the domain in which an entity is thought of as residing or having its primary manifestation” (LANGACKER, 1991, p. 56).

instanciação, mas a instância – e não o tipo – é pensada como tendo um local específico nesse domínio. Em termos metafóricos, é possível pensar que a especificação de tipo flutua livremente pelo domínio de instanciação, com o potencial de se manifestar em qualquer lugar dentro dele (LANGACKER, 1991, p. 57). Esse potencial é realizado e uma concepção de instância é obtida quando a especificação é ancorada em um local específico, conforme mostrado nesta figura:

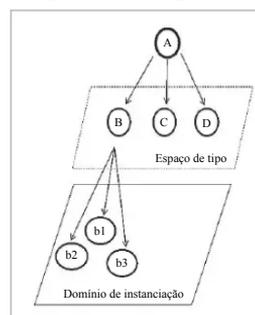
**Figura 2.** Especificação de instância



Fonte: Pinheiro et al., 2017.

Naturalmente, tipos podem apresentar subtipos. Em outras palavras, a hierarquia apresentada na Fig.2 pode incluir mais níveis – em todo caso, o nível da instância será sempre o mais baixo. Essa possibilidade pode ser vista na Fig. 3:

**Figura 3.** Tipos, subtipos e instâncias



Fonte: Pinheiro et al., 2017.

Esse tipo de representação permite distinguir, em termos conceituais, os subtipos (representados por B, C e D – por exemplo, gato, subordinado a um tipo mais alto como mamífero) das instâncias particulares (representadas por b1, b2 e b3). Em GCog, a relação entre tipo e subtipo (como aquela que existe entre A, de um lado, e B, C e D, de outro)

é denominada “elaboração”; já a relação entre (sub)tipo e instância (como aquela que existe entre, B, de um lado, e b1, b2 e b3, de outro) é referida como “instanciação”.

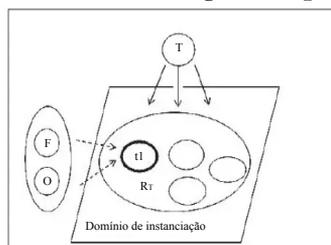
Como se observa, a instância existe em um Domínio de Instanciação, ao passo que os subtipos residem em um Espaço de Tipo (ET) – um domínio conceptual abstrato que abrange um conjunto de subtipos irmanados por um tipo comum. A centralidade dessa distinção para este estudo é evidenciada por sentenças como as seguintes:

- (1) O cachorro é um mamífero que pode viver entre dez e treze anos.
- (2) O cachorro comeu uma planta ontem.

Em (1), o SN “o cachorro” recebe interpretação genérica, de modo que o animal é um tipo construído como uma instanciação de um tipo mais alto (digamos, mamífero). Já em (2), o SN “o cachorro” se refere a um indivíduo específico. Por isso, assumiremos que o referente de (1) – que pode corresponder, por exemplo, ao elemento B da Fig. 3 – habita um Espaço de Tipo (algo como espécies de animais, domínio também de gato, pato etc). O referente de (2) – que pode corresponder, por exemplo, ao elemento b1 da Fig. 3 – habita um Domínio de Instanciação (nesse caso, o espaço físico).

Para Langacker (1991, p. 91), quando o falante emprega um SN, seu objetivo é mencionar alguma instância de tipo de forma tal que o ouvinte possa determinar a referência pretendida. Desse modo, o falante e o ouvinte, que constroem o *ground* conjuntamente, têm a tarefa de coordenar suas referências mentais em direção a alguma instância t1 do tipo T, como se vê a seguir:

**Figura 4.** Representação da ancoragem de predicação epistêmica



Fonte: Pinheiro et al., 2017.

A Fig. 4 representa uma situação em que Falante (F) e Ouvinte (O) coordenam a atenção em direção a uma entidade  $t_1$ , conceptualizada como instância de um tipo T. A situação comunicativa em que F e O estão inseridos – o que inclui não apenas os interlocutores, mas a totalidade das circunstâncias do evento interacional – é referida em GCog como *ground*.

Para este estudo, são particularmente relevantes os SNs com artigo definido. O problema da definitude é tratado por Langacker (1991) com base em duas noções centrais: Espaço Discursivo Corrente (um espaço mental (FAUCONNIER, 1994) que captura os elementos e relação compartilhados entre os interlocutores a cada momento da interação) e contato mental (um processo cognitivo por meio do qual uma entidade é isolada (*singled out*) para fins de tomada de consciência individual). Com base nessas duas definições, Langacker (1991, p. 98, tradução nossa) propõe a seguinte caracterização do artigo definido:

O uso do artigo definido como descrição de tipo T em um SN implica que: (1) a instância designada  $t_1$  de T é única e máxima em relação ao EDC; (2) o Falante tem contato mental com  $t_1$ ; e (3) o Ouvinte pode ter contato mental com  $t_1$  ou o próprio SN é suficiente para estabelecer esse contato.<sup>3</sup>

Segundo essa definição, o artigo em si mesmo perfila  $t_1$ , e seu uso implica que o SN é suficiente para colocar o ouvinte em contato mental com uma instância unicamente identificada, sem depender de outras informações disponíveis na cláusula que o contém. Isso pode ser observado nos seguintes exemplos:

- (3) a. Maria tem uma boneca e um carrinho. A boneca é seu brinquedo favorito.  
 b. \*Maria tem uma boneca loira e uma boneca morena. A boneca é seu brinquedo favorito.

Em (3a), o EDC criado pela primeira frase contém apenas uma instância de boneca, de modo que a referência pretendida é inconfundível. Já em (3b), o EDC contém duas instâncias de boneca, de forma que sua referência não é única e o uso do artigo definido é inapropriado.

<sup>3</sup> “[...] use of the definite article with type description T in a nominal implies that (1) the designated instance  $t_1$  of T is unique and maximal in relation to the current discourse space; (2) S has mental contact with  $t_1$ ; and (3) either H has mental contact with  $t_1$  or nominal alone is sufficient to establish it.” (LANGACKER, 1991, p. 98)

A especificação de que t1 é máximo estabelece que t1 só pode ser identificado com a instância mais inclusiva no espaço discursivo, como é possível observar em (4):

- (4) a. Natália tem cinco casas. As casas são modernas.
- b. Natália comprou três litros de tinta. A tinta foi usada para pintar a casa.

Nos exemplos, os primeiros períodos apresentam uma instância de casa, com a cardinalidade de cinco (ex. (4a)) e uma instância de tinta, com um volume de três litros (ex. (4b)). Trata-se de instâncias máximas no EDC, às quais “as casas” e “a tinta” se referem com propriedade.

Esse conjunto de construtos e propostas analíticas fornece um bom ponto de partida para uma descrição semântica dos SNs genéricos do PB. Até onde temos conhecimento, porém, não há, na literatura em GCog, nenhuma proposta de análise de SNs singulares genéricos sem determinante – uma estrutura que, embora agramatical em inglês (“\*Dog is affectionate”), é possível no PB (“Cachorro é carinhoso”). Na próxima seção, apresentamos, à luz da GCog, uma proposta de tratamento dessa estrutura no PB, em cotejo com a construção com artigo definido.

### **Análise de SN singular genérico do PB segundo a GCog**

Como já ficou dito, a existência de estratégias concorrentes para referência genérica com nomes singulares parece desafiar o princípio funcionalista de que formas diferentes implicam significados diferentes. Nesta seção, que retoma e refina o trabalho de Pinheiro et al. (2017), buscamos mostrar de que maneira o arsenal teórico-descritivo da GCog ajuda a iluminar as diferenças semânticas entre as construções [Artigo + Nome Singular]<sub>ref. genérica</sub> e [Ø + Nome Singular]<sub>ref. genérica</sub> do PB.

Esses dois padrões podem ser ilustrados pelas sentenças adiante:

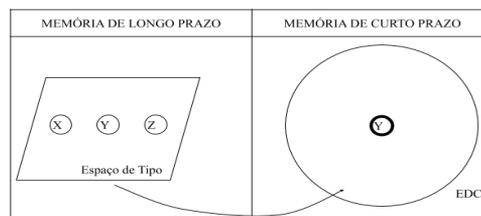
- (5) a. Cachorro é amigável.
- b. O cachorro é amigável.
- (6) a. Brasileiro gosta de feijoada.
- b. O brasileiro gosta de feijoada.

Se assumirmos que todos os SNs sublinhados fazem referência a categorias gerais (a classe dos cachorros, a classe dos brasileiros)<sup>4</sup>, e não a indivíduos específicos, podemos ter a impressão de que as construções gramaticais a eles subjacentes seriam semanticamente idênticas. Aqui, porém, argumentaremos que essas construções evocam, na verdade, representações conceptuais distintas – a despeito da equivalência extensional evidenciada pelos dois pares de exemplos apresentados.

Especificamente, a hipótese defendida aqui é que: de um lado, a construção [Artigo + Nome Singular]<sub>ref. genérica</sub> faculta a visualização, no EDC, do tipo linguisticamente designado pela expressão linguística, do Espaço de Tipo em que esse tipo se insere e de outros tipos que habitam nele; de outro, a construção [Ø + Nome Singular]<sub>ref. genérica</sub> faculta a visualização, no EDC, apenas do tipo diretamente referido pela expressão linguística, não evocando nem o ET nem outros que o habitam.

Note-se que essa hipótese se sustenta crucialmente na distinção entre bases de conhecimento estáveis, associadas à memória de longo prazo, e bases de conhecimento fugazes, associadas à memória de curto prazo<sup>5</sup>. Espaços mentais, como o EDC, são bases fugazes, isto é, dizem respeito àquilo que é processado *on-line*. Nesse sentido, o que estamos argumentando é o seguinte: embora, na memória de longo prazo, qualquer tipo (como cachorro e brasileiro) esteja necessariamente inserido em um ET e vinculado a um tipo mais abstrato (como animal e nacionalidade), o emprego da construção com ou sem artigo levará um ouvinte a selecionar uma quantidade maior ou menor de elementos conceptuais da memória de longo prazo para serem inseridos no EDC. Essa distinção pode ser representada assim:

**Figura 5.** Representação conceptual referente ao padrão sem artigo

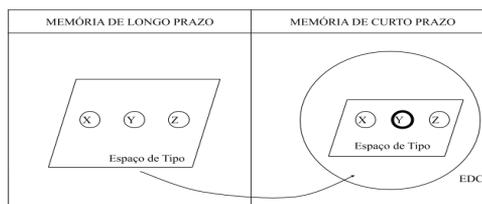


Fonte: elaboração própria.

<sup>4</sup> Evidentemente, os exemplos em (b) (diferentemente de (a)) admitem interpretação particularizante. Neste caso, porém, eles devem ser entendidos como instâncias de uma construção gramatical diferente daquela que está sendo investigada aqui.

<sup>5</sup> Definimos Memória de Longo Prazo como um sistema permanente de armazenamento de informações aprendidas, enquanto a de Curto Prazo é o componente da memória que retém a informação temporariamente na percepção consciente.

**Figura 6.** Representação conceitual referente ao uso do padrão com artigo



Fonte: elaboração própria.

À esquerda das duas figuras, tem-se uma representação que é, em si mesma, independente dos padrões aqui investigados: trata-se de uma representação que simplesmente captura o conhecimento enciclopédico do falante acerca das mais diversas categorias, representadas genericamente como X, Y e Z. Em outras palavras, ela consiste em um esforço de organização do conhecimento de mundo do falante

A diferença entre as duas construções está refletida na porção direita dos diagramas. Como se vê, sugerimos que o padrão sem artigo disponibiliza, no EDC, unicamente o tipo que está sendo referido pela expressão linguística – isto é, a categoria cachorro, no caso de (5), e brasileiro, no caso de (6). Ao mesmo tempo, propomos que o padrão com artigo induz o ouvinte a recrutar, para o EDC, não apenas o referente do SN, mas também o Espaço de Tipo em que esse referente se encontra (isto é, o domínio conceptual abstrato de que ele participa – por exemplo, o Espaço animal para cachorro) e ainda outras categorias que, na memória de longo prazo, habitam esse mesmo Espaço (por exemplo, gato, pato etc.).

Aqui, contudo, há um detalhe importante: embora a construção com artigo evoque todos esses elementos, ela só perfila o referente do SN (conforme indicado pela linha mais forte no elemento Y da Fig. 6). Crucialmente, trata-se do mesmo elemento conceptual perfilado pelo padrão sem artigo, como se vê na Fig. 5. Dessa observação decorre que, se a nossa hipótese estiver correta, a diferença semântica entre as construções gramaticais reside unicamente na parte não perfilada da predicação – aquilo que, em GCog, é referido como base. Em outras palavras, a alternativa com artigo deixa os tipos não perfilados conceptualmente “visíveis” (ainda que

implícitos), já que o Espaço de Tipo é transportado da Memória de Longo Prazo para o EDC, ao passo que a alternativa sem artigo não transporta o ET, e conseqüentemente os tipos não perfilados, para o EDC.

Essa análise sugere que as construções gramaticais [Artigo + Nome Singular]<sub>ref. genérica</sub> e [Ø + Nome Singular]<sub>ref. genérica</sub> não são semanticamente equivalentes: apesar de sua identidade extensional, assegurada pelo fato de que a porção perfilada da predicação é idêntica nos dois casos, essas construções se distinguem no que diz respeito à base conceptual do cenário predicado. Como, naturalmente, essa base é parte legítima do seu significado, não é possível falar em equivalência semântica neste caso.

Como, porém, verificar se essa proposta é correta (quanto a realidade psicológica)? Em outras palavras, como verificar se o falante de fato evoca implicitamente tipos como gato e pato quando diante de sentença como (5b) e não os evoca quando diante de sentença como (5a)? É disso que trataremos na próxima seção.

### Testando a hipótese

Para testar a hipótese apresentada anteriormente, foi desenvolvido um experimento off-line de julgamento de aceitabilidade com escala Likert de cinco pontos, no qual os participantes deveriam avaliar sentenças contendo SNs singulares genéricos nas condições com e sem artigo definido, como se pode ver nos exemplos adiante:

- (7) A maioria dos mamíferos é terrestre, mas a baleia vive na água.
- (8) A maioria dos mamíferos é terrestre, mas baleia vive na água.

Para que se possa compreender a lógica que rege o experimento, é importante lembrar a hipótese desenvolvida na seção anterior. Resumidamente, argumentamos que (i) sentenças do tipo (7), que manifestam o padrão [Artigo + Nome Singular]<sub>ref. genérica</sub>, pressupõem a disponibilidade prévia de um ET, que funciona então como domínio de instanciação do referente do núcleo do SN genérico e faculta, assim, a

conceptualização implícita de tipos não perfilados, e que (ii) sentenças do tipo (8), que manifestam o padrão [ $\emptyset$  + Nome Singular]<sub>ref. genérica</sub>, não pressupõem tal disponibilidade e, conseqüentemente, não facultam a conceptualização implícita de tipos não perfilados. Como os estímulos de ambas as condições apresentam, na cláusula (i), um constituinte capaz de evocar o ET (em (7) e (8), “a maioria dos mamíferos”), o experimento faz a previsão de que o grau de aceitabilidade dos estímulos correspondentes ao padrão [Artigo + Nome Singular]<sub>ref. genérica</sub> será significativamente mais elevado que a dos estímulos correspondentes ao padrão [ $\emptyset$  + Nome Singular]<sub>ref. genérica</sub>. O experimento contou com desenho intrassujeitos, de maneira que todos os participantes tiveram acesso a estímulos pertencentes a ambas as condições.

### **Composição dos estímulos**

Foram criados, para o experimento, oito estímulos críticos e dezesseis estímulos distratores. Recorrendo ao delineamento experimental em quadrado latino, os estímulos críticos foram divididos em dois scripts – A e B – com o intuito de que a repetição de material lexical entre as duas condições experimentais fosse evitada. Dado o desenho intrassujeitos, cada participante julgou quatro estímulos da condição com artigo e quatro da condição sem artigo, para além dos dezesseis estímulos distratores.

Para a composição dos estímulos críticos, foram definidos oito domínios semânticos: animal, transporte público, roupa, carro, fruta, música, árvore e meio de transporte. Para cada domínio, foi estabelecido um contraste entre uma classe semântica mais geral e um membro dessa classe. Para o domínio fruta, por exemplo, foi estabelecido um contraste entre a classe semântica fruta e um membro mais particular dessa classe, a saber, limão-taiti. Definidos esses pares contrastivos, foram criadas duas sentenças para cada par – uma para cada condição experimental.

Todos os estímulos críticos foram compostos de maneira a apresentar uma situação contrastiva. Para isso, elas continham, necessariamente, duas cláusulas: na primeira, o sujeito sintático tinha como referente a classe geral; na segunda, o sujeito sintático tinha como referente o membro

da classe respectiva. Esse modelo pode ser ilustrado pelo par de estímulos a seguir:

- (9) As frutas tendem a ser adocicadas, mas o limão-taiti é uma exceção.
- (10) As frutas tendem a ser adocicadas, mas limão-taiti é uma exceção.

Desse modo, em todas as sentenças críticas, o ET em que ocorre o perfilamento já está previamente disponível, de maneira que, quando uma categoria mais ampla e abstrata é evocada (como frutas em (9) e (10)), ocorre a conceptualização de um ET (o espaço abstrato das frutas) e a evocação implícita dos tipos relacionados com aquele espaço (morango, banana etc.). Nesse sentido, a segunda cláusula de cada estímulo apenas perfila uma categoria entre aquelas que já estavam previamente disponíveis no EDC.

### **Perfil dos participantes**

Um total de 80 sujeitos, moradores do Estado do Rio de Janeiro, com idades de 18 a 41 anos, voluntariaram-se para participar do experimento. Aqueles que eram graduandos da instituição em que se desenvolveu a pesquisa receberam, como contrapartida, declaração atestando a realização de horas de Atividades Acadêmicas, Científicas e Culturais (AACCs).

### **Materiais e procedimentos**

O *software* usado para montar o experimento foi o *OpenSesame* 3.2.8b1. Antes do teste, todos os participantes receberam explicações orais sobre a tarefa experimental e sobre a dinâmica do experimento. Durante o início do experimento, com a presença do pesquisador, cada voluntário avaliou três estímulos de treinamento. Em seguida, os sujeitos passaram a responder aos estímulos sem a companhia do pesquisador.

Inicialmente, os participantes eram expostos a uma tela com instruções escritas, que permaneciam disponíveis pelo tempo que achassem necessário. O texto inicial pedia ao indivíduo que imaginasse uma situação hipotética na qual ele ouvia um pai “transmitir ao seu filho informações

sobre diversos assuntos e seres”, assegurando, assim, uma interpretação genérica aos estímulos críticos. Posteriormente, o texto solicitava que os sujeitos julgassem a naturalidade das frases produzidas por esse personagem, com base na seguinte escala Likert de cinco pontos: 1. totalmente não natural; 2. pouco natural; 3. medianamente natural; 4. muito natural; 5. totalmente natural.

A tarefa do participante, após ler e compreender as instruções iniciais, era pressionar a barra de espaço do teclado para que os estímulos lhe fossem apresentados. Todas as 24 sentenças que cada sujeito deveria julgar foram organizadas de maneira que os estímulos críticos não fossem exibidos consecutivamente. Cada estímulo ficava exposto por 4900ms, sendo seguido por uma tela contendo a escala Likert.

Essa tela, então, permanecia disponível para os sujeitos por tempo indeterminado, até que o grau de aceitabilidade da sentença exposta anteriormente fosse indicado. A resposta ao estímulo era determinada com os números do teclado; assim que o participante pressionava o número escolhido, o estímulo seguinte era exibido.

### **Análise estatística e previsões experimentais**

Para a análise estatística, foi realizado um teste qui-quadrado de homogeneidade por meio do *software Action Stat*, versão 3.1.43.724.694. Anteriormente, apresentamos nossa previsão experimental nos seguintes termos: os estímulos da condição com artigo serão considerados mais aceitáveis que os estímulos da condição sem artigo. Em termos estatísticos, porém, não consideraremos as médias numéricas que poderiam ser obtidas com esses julgamentos, e sim a contagem da frequência dos graus de aceitabilidade. Isso significa dizer que nossa previsão experimental se baseia na suposição de que a proporção de sentenças totalmente não naturais (grau 1), pouco naturais (grau 2), medianamente naturais (grau 3), muito naturais (grau 4) e totalmente naturais (grau 5) não será equivalente nas duas condições. Se nossa hipótese se provar correta, os resultados mostrarão que há uma correlação estatística entre a presença ou ausência de artigo definido e a distribuição do conjunto de notas atribuídas às sentenças.

## Resultados e discussão

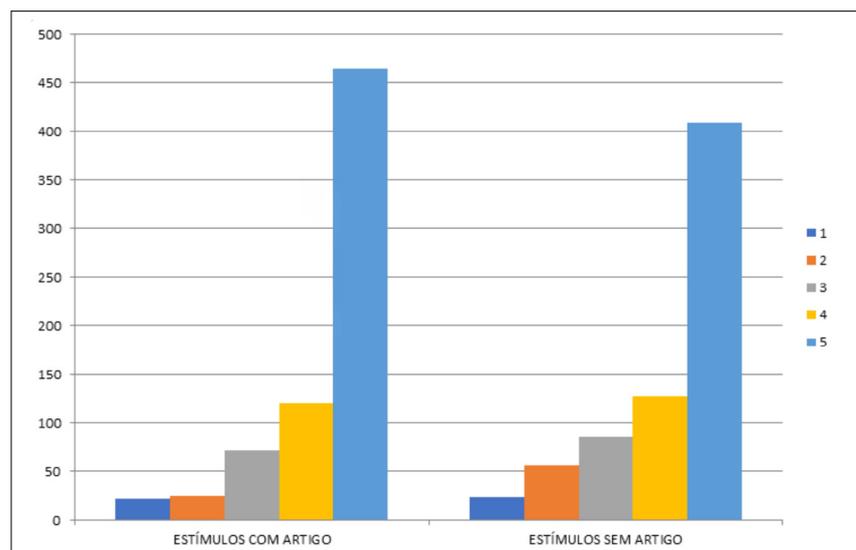
Os resultados indicaram que existe diferença significativa na distribuição dos graus de aceitabilidade dos estímulos pertencentes a cada uma das duas condições experimentais (com e sem artigo) ( $p=0,0014$ ). A Tabela 1 e o Gráfico 1 a seguir sintetizam essa distribuição:

**Tabela 1.** Resultado do grau de aceitabilidade atribuído aos estímulos críticos

Grau de aceitabilidade	Com artigo		Sem artigo		Total
	Número de respostas	Valor percentual	Número de respostas	Valor percentual	
1	22	1.56%	24	1.70%	46
2	25	1.77%	57	4.04%	82
3	72	5.11%	86	6.10%	158
4	120	8.52%	128	9.09%	248
5	465	33.02%	409	29.04%	874
Total	704	50%	704	50%	1408

Fonte: elaboração própria

**Gráfico 1.** Distribuição dos dados nas condições com e sem artigo



Fonte: elaboração própria.

O quadro geral que emerge do gráfico apresentado é o que segue. Por um lado, em comparação com as sentenças com artigo, as sentenças sem artigo são mais frequentemente julgadas como totalmente não naturais (grau 1), pouco naturais (grau 2), medianamente naturais (grau 3) e muito naturais (grau 4) (a diferença é particularmente acentuada no grau 2, com 56 sentenças sem artigo sendo julgadas pouco naturais contra apenas 25 sentenças com artigo). Por outro lado, no que tange ao grau 5 (“completamente natural”), a situação se inverte: este é o único grau atribuído mais frequentemente às sentenças com artigo do que às sentenças sem artigo (465 contra 409). E, crucialmente, como dissemos antes, essa diferença global de distribuição dos graus de aceitabilidade é estatisticamente significativa ( $p=0,0014$ ).

Tomados em conjunto, esses dados sugerem que, em contextos contrastivos, os falantes tendem a considerar SNs singulares genéricos com artigo mais naturais que SNs singulares genéricos sem artigo. Em outras palavras, os dados revelam que os falantes sentem algum estranhamento diante de usos no quais, ao mesmo tempo, (i) um Espaço de Tipo é evocado discursivamente (ex: “a maioria dos mamíferos”), o que implica a disponibilidade conceptual dos tipos que o ocupam (ex: gato, vaca etc.), e (ii) a referência a um desses tipos é realizada sem artigo definido.

Esses resultados são, naturalmente, compatíveis com a descrição apresentada na seção anterior. Em termos simples, a proposta central deste trabalho é a de que as construções gramaticais [Artigo + Nome Singular]<sub>ref. genérica</sub> e [Ø + Nome Singular]<sub>ref. genérica</sub> não são semanticamente idênticas, a despeito da sua equivalência extensional. Especificamente, sugerimos que apenas o padrão sem artigo inclui, em sua representação conceptual, um Espaço de Tipo e, dentro dele, um conjunto de tipos não perfilados. Como se viu, em todos os nossos estímulos experimentais, o SN sujeito da primeira cláusula cumpre o papel de evocar um ET (que é nomeado de forma explícita na sentença) e, conseqüentemente, também os tipos que o povoam. Decorre daí que, se a nossa descrição estiver correta, os estímulos experimentais criam um contexto linguístico favorável à opção pela construção com artigo – o que nos leva a esperar uma sensação de estranhamento caso

a alternativa sem artigo seja escolhida. É precisamente esse estranhamento que nosso experimento captura.

Ao mesmo tempo, uma análise crua dos números obtidos parece sugerir que esse estranhamento é sutil ou moderado – como indicado, por exemplo, pelo fato de que o grau de aceitabilidade mais frequentemente atribuído aos estímulos da condição sem artigo é o grau 5 (“completamente natural”) e pelo fato de que a diferença numérica entre as duas condições, para cada grau, não parece particularmente acentuada (exceção feita ao grau 2). Essa impressão é confirmada pela medida conhecida como  $v$  de Cramer, que captura a intensidade do efeito identificado: variando entre 0 e 1, o  $v$  de Cramer indica se o efeito é sutil (.1 a .2), moderado (.2 a .4), forte (.4 a .6) ou muito forte (acima de .6). No nosso experimento, o valor obtido é 0.012, o que sugere, de acordo com essa convenção, um efeito apenas sutil.

Isso não deve causar surpresa na medida em que os estímulos críticos não contrastavam sentenças estruturalmente bem-formadas (isto é, gramaticais) a sentenças estruturalmente malformadas (isto é, agramaticais). Em vez disso, eles permitiam o cotejo entre sentenças pragmaticamente bem-formadas (isto é, bem-sucedidas, ou *felicitous*) e sentenças pragmaticamente anômalas (malsucedidas, ou *infelicitous*). Por essa razão, o que se esperava de fato é que os estímulos da condição com artigo fossem percebidos como apenas um pouco mais naturais do que os da condição sem artigo. É precisamente essa percepção que o nosso  $v$  de Cramer reflete.

O ponto central, no entanto, é que, a despeito de ser sutil, a diferença de aceitabilidade entre os estímulos com e sem artigo é real, e não casual – como atestado pelo  $p$ -valor inferior a .05. Ou seja, os resultados indicam que os falantes de fato avaliam diferentemente o grau de naturalidade das sentenças com e sem artigo do nosso experimento, ainda que essa diferença não seja acentuada. E, crucialmente, tal discrepância é compatível com a hipótese de que as construções [Artigo + Nome Singular]<sub>ref. genérica</sub> e [Ø + Nome Singular]<sub>ref. genérica</sub> evocam representações mentais distintas, especificamente no que concerne à sua base conceptual.

## Considerações finais

Inserido no quadro teórico da Gramática Cognitiva, este trabalho se propôs analisar a semântica de SNs singulares genéricos no PB. Desenvolvido como continuação da pesquisa relatada em Pinheiro et al. (2017), o estudo apresentado aqui oferece pelo menos três contribuições. Do ponto de vista analítico, apresentamos uma proposta de descrição do polo semântico das construções gramaticais [Artigo + Nome Singular]<sub>ref. genérica</sub> e [Ø + Nome Singular]<sub>ref. genérica</sub> do PB. Do ponto de vista teórico, (i) fornecemos evidências em favor do princípio funcionalista de que formas distintas implicam significados distintos e (ii) demonstramos empiricamente que análises baseadas no instrumental da GCog podem ser psicologicamente reais.

A pesquisa, naturalmente, não se encerra aqui. No que tange à empreitada (evidentemente coletiva) que poderá um dia culminar em uma descrição construcional do PB, o inventário de construções de referência genérica ainda inclui, pelo menos, dois padrões com nome no plural (ilustrados por sentenças como “Os gatos são voluntariosos” e “Gatos são voluntariosos”). Além disso, se o problema da não sinonímia já parecia suficientemente espinhoso no cotejo entre os padrões com nome no singular, a adição das construções com plural só torna o quadro mais desafiador (e fascinante). Por fim, do ponto de vista teórico, a GCog ainda tem, evidentemente, um longo caminho a percorrer até que a totalidade das suas ferramentas analíticas seja reconhecida como psicologicamente real.

## REFERÊNCIAS

CROFT, William. *Radical Construction Grammar: Syntactic theory in typological perspective*. Oxford: University Press, 2001.

FAUCONNIER, Gilles. *Mental spaces*. Cambridge: University Press, 1994.

GOLDBERG, Adele Eva. *Constructions: A construction grammar approach to argument structure*. Chicago: University Press, 1995.

HOLLMANN, Willem. Nouns and verbs in Cognitive Grammar: where is the 'sound' evidence? *Cognitive Linguistics*, De Gruyter, v. 24, n. 2, p. 275-308, 2013.

LANGACKER, Ronald. *Essentials of Cognitive Grammar*. Oxford: University Press, 2013.

\_\_\_\_\_. *Cognitive Grammar: A basic introduction*. Oxford: University Press, 2008

\_\_\_\_\_. *Foundations of cognitive grammar: Descriptive application*. Stanford: University Press, 1991.

\_\_\_\_\_. *Foundations of cognitive grammar: Theoretical prerequisites*. Stanford: University Press, 1987.

PINHEIRO, Diogo et al. Referência genérica em SNs singulares: uma abordagem cognitivista experimental. *Revista De Estudos Da Linguagem*, [S.l.], v. 25, n. 3, p. 1463-1500, june 2017.

## **Abstract**

### **Generic reference nominal constructions: a cognitive grammar experimental approach**

*From the perspective of Cognitive Grammar (LANGACKER, 1987; 1991), this work investigates the semantic pole of two nominal constructions of generic reference in Brazilian Portuguese: [Article + Singular Noun] (“The cat is willful”) and [∅ + Singular Noun] (“Cat is willful”). It is proposed that, despite their extensional similarity, these constructions are not semantically equivalent. Specifically, it is argued that the pattern with definite article, but not the one that lacks it, grants the conceptualization of a collection of unprofiled types within a Type Space. In order to verify this hypothesis, an acceptability judgement experiment was carried out in which the participants were asked to evaluate the naturalness of sentences containing singular generic NPs, with and without the definite article, in contrastive contexts. The results showed a significant difference of acceptability between these two conditions ( $p = 0,0014$ ), which provides evidence in favor of the hypothesis that the constructional patterns investigated actually evoke different mental representations.*

**Keywords:** *Generic NPs. Cognitive Grammar. Brazilian Portuguese.*